

O
SEGREDO
da LIVRARIA
de PARIS

Copyright © 2018 Lily Graham

Copyright © 2020 Editora Gutenberg

Publicado originalmente na Grã-Bretanha em 2018 pela Storyfire Ltd. (Bookouture).

Título original: *The Paris Secret*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL *Rejane Dias*

EDITORA ASSISTENTE *Carol Christo*

PREPARAÇÃO DE TEXTO *Carol Christo*

REVISÃO *Samira Vilela Júlia Sousa*

CAPA *Diogo Droschi (sobre imagem de ©Drunaa / Trevillion Images)*

DIAGRAMAÇÃO *Larissa Carvalho Mazzoni*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP,
Brasil**

Graham, Lily

O segredo da livraria de Paris / Lily Graham ; tradução Elisa Nazarian. -- 1. ed. -- Belo Horizonte :
Editora Gutenberg, 2020.

Título original: *The Paris Secret*.

ISBN 978-85-8235-633-3

1. Ficção inglesa 2. Paris (França) - Ficção 3. Guerra Mundial, 1939-1945 - Paris (França) I. Título.

20-32678 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

A GUTENBERG É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÊNTICA

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312. Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

www.editoragutenberg.com.br

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

Para minha mãe e meu pai, com amor.

⇒ CAPÍTULO UM ⇐

A VELHA SENHORA NO TREM não parecia ser o tipo de pessoa que carregava um segredo sombrio ardendo no fundo do peito. Um segredo daqueles que se contorcem em volta do coração, apertando, pronto para explodir.

Mas ela carregava.

Um segredo que, caso ousasse dizê-lo em voz alta, faria com que muitos dos desconhecidos à sua volta ficassem sem fôlego, mesmo agora, depois de todos esses anos.

Aqueles desconhecidos jamais poderiam imaginar uma coisa assim escondida por detrás do rosto cansado da mulher sentada junto à janela fustigada pela chuva, ajustando firme no pescoço um xale de caxemira vinho, com os dedos avermelhados, retorcidos e doloridos pela súbita onda de frio.

Os jovens não pensam nos velhos desse jeito. Não veem as cicatrizes deixadas pelo tempo, os sofrimentos, as alegrias. Veem apenas o rosto inexpressivo da velhice.

Com certeza a moça de cabelos escuros, olhos cansados e uma maleta de notebook abarrotada balançando junto ao quadril, que se ofereceu para ajudar a acomodar a mala da senhora no maleiro no alto, não parou para pensar nela dessa forma. Se ao menos chegou a pensar nela, foi apenas como uma pessoa precisando de ajuda, ou alguém que provavelmente não se incomodaria se ela pegasse o lugar disponível ao seu lado, onde planejava dar uma olhada, em relativa paz, nas anotações para a

palestra que daria no dia seguinte, jurando, como fazia semanalmente, que estava na hora de procurar um trabalho diferente.

A mala da velha senhora era azul cobalto, antiquada, coberta por adesivos de lugares distantes. A moça jogou o cabelo sedoso sobre o ombro, concentrada, enquanto erguia a mala para o lugar disponível sobre suas cabeças, usando um cotovelo para empurrá-la quando começou a escorregar. Quase se arrependeu da sua oferta de ajuda quando, por pouco, a mala não desabou sobre sua cabeça. Murmurou um palavrão, depois limpou a garganta quando viu que a senhora a olhava com o cenho franzido, fazendo uma tentativa desajeitada de se levantar para ajudar. “Já peguei, não se preocupe”, disse, forçando um sorriso.

Por fim, ergueu a mala, enfiando-a entre uma grande lata de chocolates e uma bolsa de viagem cinza, e sentou-se, inflando as bochechas rosadas pelo esforço e soltando o ar. “Era mais pesada do que parecia. Não vá me dizer que a senhora está fugindo com as últimas joias dos Romanov?”

Os olhos verdes da mulher brilharam. “São só as minhas memórias. Quanto mais velha a pessoa, mais pesadas elas ficam. Especialmente quando estão emolduradas.”

A moça riu, exibindo dentes muito brancos e perfeitos.

Ao redor delas, as pessoas ainda embarcavam no trem de Moscou, os óculos embaçados pelo súbito calor de dentro do vagão, puxando malas de rodinhas, os rostos acusando o misto de excitação e resignação que marcava a maioria dos viajantes que tinham pela frente uma longa viagem com destino a Paris.

Pelo alto-falante, uma gravação anunciou que o trem partiria nos próximos minutos.

A moça se acomodou em seu assento e esfregou o pescoço, vítima dos travesseiros duros como tijolos do hotel sem charme

onde a haviam colocado, perto do escritório de Moscou. Abriu o notebook e pegou os fones de ouvido, que planejava usar para afastar qualquer distração enquanto se concentrava em seu trabalho. Mas ficou intrigada, curiosa, apesar de suas melhores intenções, ao refletir sobre as palavras da mulher. Virou-se para ela e perguntou: “A senhora viaja com suas fotografias?”.

A velha concordou com a cabeça, a mão levemente trêmula prendendo atrás da orelha uma mecha solta de cabelo branco e macio que havia escapado do coque na nuca. Suas unhas, lixadas e arredondadas, eram cor de pérola. Havia no ar um leve toque de perfume floral, agradável e caro.

“Gosto de manter as pessoas que amei por perto, onde quer que eu vá.”

Qualquer observação superficial que passara pela cabeça da moça – assim como a sugestão de que a velha considerasse digitalizá-las no futuro – morreu antes de sair de sua boca. Aquelas palavras haviam tocado algo em seu íntimo: a dor estéril de sentir saudade de alguém que talvez você nunca mais veja, real demais desde a morte da mãe, dois anos antes. Mordeu o lábio inferior, como que para acomodar a emoção de volta, e disse: “Consigo entender isso, ‘o lar onde quer que a gente vá’, é... lindo”.

A velha senhora balançou a cabeça. “Mas não é como se fosse a coisa em si. Acho que é por isso que estou voltando a Paris agora, depois de todos esses anos. Nem eu mesma consigo acreditar nisso.”

A moça percebeu certo sotaque inglês misturado com algum outro, possivelmente francês. “A senhora é de Paris?”, perguntou. “A propósito, me chamo Annie.”

“Valerie”, disse a mulher, seu rosto se transformando por um tipo de sorriso que mostrava a jovem escondida sob a passagem

do tempo. Então, respondeu à pergunta de Annie. “Sou, acho que Paris é o meu lugar, embora tenha passado a maior parte da vida longe de lá. Andei viajando nos últimos anos, desde a morte do meu marido. Sempre quis conhecer a Rússia, e pensei “bom, por que não agora?”. Mas já fui para tudo quanto é canto: Praga, Istambul, Marrocos... Ainda assim, sempre que penso nisso, percebo que Paris é meu lugar. Curioso, não é?”

Annie deu de ombros. “Nunca morei em nenhum outro lugar, então, para mim, lar é sempre uma casinha no interior de Kent. Quando isso é tudo o que você conhece, acho que fica mais fácil. Nem consigo me imaginar vivendo de fato em Paris: parece algo incrível. Baguetes sempre que você quiser, *croissants*, cafés espalhados por ruas calçadas com pedras, a moda...” Ela suspirou, os olhos brilhando ao imaginar o romantismo de viver na Cidade Luz, o amor. “Sempre quis ter coragem de me mudar para lá. Talvez, um dia...”

A mulher entendeu. “Eu também não conseguia me imaginar vivendo ali quando tinha a sua idade, mas foi quando me mudei sozinha para lá. Fiquei apavorada, na verdade, e não achava que algum dia me acostumaria. Eu não era exatamente uma pessoa elegante, era bibliotecária-assistente... Inclusive de corpo e alma, de pesados sapatos oxford e veludo cotelê, na maioria das vezes.”

Annie sorriu. “Hoje em dia isso é moda – *nerd* chique?”

Valerie soltou uma risadinha gutural que desmentia sua idade.

“Então, o que fez a senhora decidir se mudar para Paris?”, perguntou Annie.

Os dedos da mulher brincaram com um anel de sinete na mão esquerda.

“Eu precisava desesperadamente saber quem era minha família, e isso acabou sendo mais forte do que o medo.”

O trem começou a se mover e a estação passou zunindo num borrão cinza e azul de homens e mulheres apressados para o choque súbito do verde e dourado do campo. Pelo alto-falante, veio o aviso de que havia lanches e bebidas no vagão do meio, com um cardápio de refeições quentes e frias.

Annie estava morrendo de vontade de continuar ouvindo, mas viu Valerie olhar para trás e ofereceu: “Café? Posso trazer para nós duas”.

“Ah, seria ótimo”, disse Valerie, abrindo a bolsa e estendendo uma nota. “Puro, por favor. Por minha conta.”

“Muito obrigada”, agradeceu.

Enquanto Annie abria caminho por entre cotovelos e joelhos, louca por uma dose de cafeína, Valerie pensava em seu passado. Como poderia evitar se, afinal de contas, era disso que se tratava a sua viagem? Finalmente, depois de todos aqueles anos, voltaria para onde tudo havia começado, onde toda a sua vida havia mudado.

Em parte, não conseguia conter sua agitação, a mesma de mais de quarenta anos atrás, quando fez uma viagem parecida com aquela pela primeira vez. Rodou o anel novamente, uma peça extravagante feita de latão e mau gosto, hábito nervoso que não conseguia evitar.

Annie voltou estendendo-lhe um copo de isopor cheio de café puro fumegante, exatamente como pedira; em seguida olhou para o anel de Valerie, mas não comentou nada.

Vendo onde o olhar de Annie havia pousado, Valerie levantou os ombros de leve, com ironia. “Pertenceu ao meu avô. É horroroso, mas gosto mesmo assim, porque foi dele”, disse com uma risadinha sem graça, tomando um gole de café.

Annie fechou o notebook e também bebericou seu café. Estava curiosa em relação àquela mulher ao seu lado, apesar das boas intenções de revisar seu trabalho. Estava se distraíndo, para dizer o mínimo. Sempre tivera fascinação por pessoas e suas histórias; às vezes, era impossível se segurar, como agora.

“A senhora disse que o motivo de ter ido a Paris era conhecer sua família? Eles eram franceses?”

Valerie acenou afirmativamente. “Fomos separados pela Segunda Guerra Mundial quando eu era bem criança. Me levaram para viver com uma parente distante, na Inglaterra. Disseram que era para a minha segurança. Não me juntei mais à minha verdadeira família, pelo menos não antes de me tornar adulta.”

“Sinto muito”, disse Annie, que não conseguia imaginar como aquilo deveria ter sido terrível.

Valerie encolheu os ombros. “Apenas mais uma vítima da guerra, imagino. O que muitos homens não perceberam depois de travar todas essas guerras é que, no fim, não existem vencedores de verdade, não mesmo: existem apenas vítimas, e elas continuam aparecendo muito tempo depois da guerra. Eu tinha por volta de 20 anos quando descobri que minha família ainda estava viva. Bom, um membro estava, seja como for.”

“A senhora não sabia?”, surpreendeu-se Annie.

“Não fazia ideia. Tinham me dito que estavam mortos. Fui criada pela prima da minha mãe. Para evitar confusão, me disseram para chamá-la de ‘tia Amélie’. Ela havia se casado com um inglês, durante a guerra, meu tio John, e fui viver com eles. Depois da morte da minha mãe, me disseram que não havia mais ninguém vivo, só Amélie. Quando fiz 20 anos, ela achou que eu merecia saber a verdade. Só agora, depois de velha, é que talvez

eu esteja começando a entender por que eles fizeram o que fizeram. Como pensaram que a mentira me pouparia da dor.”

Valerie suspirou com tristeza.

“Para alguns, a verdade é um fardo, algo que nunca pode ser restaurado depois de solto – uma caixa de Pandora –, mas para mim foi o oposto. Foi uma âncora no passado que me deu uma sensação de pertencimento, mesmo que fosse um pertencimento doloroso de suportar.”

Annie abaixou os fones de ouvido, deixando-os de lado. Teve a sensação de que não os pegaria de volta pelo resto da viagem.

“Então a senhora resolveu ir a Paris encontrar sua família? Descobrir por que tinham mantido em segredo que ainda estavam vivos?”

Valerie confirmou. “Era 1962, e embora já tenham se passado muitos anos, ainda consigo me lembrar de onde estava sentada quando embarquei no trem de Calais. Não peguei o assento da janela, na época”, disse, com uma risadinha. “Havia neve no ar, e eu só conseguia ouvir as palavras de Amélie passando pela minha cabeça. *Não faça isso, Valerie. Não faça isso, por favor.* Mas eu precisava fazer.”

“Ela não queria que a senhora fosse encontrá-los, mesmo depois de ter contado sobre eles?”, perguntou Annie, franzindo a testa. “Por quê?”

Valerie girou o anel. “Era mais porque ela não queria que eu me decepcionasse. Afinal de contas, eu tinha sido abandonada. Ela não queria que eu esperasse um encontro de contos de fadas. Não queria que eu abrisse uma ferida que talvez jamais se fechasse. Mas eu não estava atrás de um conto de fadas. Só da verdade. Tinha que descobrir por que fizeram o que fizeram. Por que me mandaram para um país estranho, para ser criada por

outra pessoa, uma estranha, na verdade, mesmo que fôssemos parentes distantes.”

O trem acelerou, e Annie foi levada junto com ele pelas palavras da velha senhora, através da paisagem cáqui e dourada do campo, a caminho do passado.

➤ CAPÍTULO DOIS ⇐

Paris, 1962

O apito soou conforme o trem deslizava para dentro da estação em meio ao nevoeiro e ao frio. Valerie esticou o pescoço para espiar pela janela, para além da mulher ao seu lado.

Paris.

Não conseguia acreditar que estava ali, que, no final das contas, tinha seguido em frente.

Passageiros endinheirados alongavam pernas e braços e vestiam casacos, cachecóis e chapéus que tinham tirado horas antes, em Calais.

Uma senhora murmurou: “Neve”. Era possível sentir o cheiro no ar.

Valerie estremeceu dentro do casaco emprestado, embora a causa do tremor fosse mais o nervosismo que o frio.

Tinha uma aparência frágil, reforçada pelo pesado casaco de *tweed* que, enorme como uma barraca, cobria até seus pés e ainda cheirava a Freddy, que o havia colocado sobre seus ombros. Valerie aspirou fundo a mistura de loção pós-barba com algo que, de certo modo, sempre a fazia se lembrar de casa. Antes de subir na balsa, ele tinha encostado a cabeça em sua testa e dito: “Você não precisa fazer isso; você sabe, não sabe? Poderíamos ter nossa própria aventura aqui, só você e eu”.

Ela concordou com a cabeça, com um nó na garganta, porque tinha que ir. Se não fizesse isso agora, jamais faria.

Fechou os olhos. Pensar em Freddy não ajudaria. Por debaixo do casaco disforme, usava o cardigã fino, rosa, com um buraco

no cotovelo esquerdo e os botões de pérola esmaecidos que tia Amélie havia costurado nele quando Valerie tinha 13 anos. Até então, não havia se preocupado com sua falta de estilo.

Tirou do maleiro a velha mala da tia, amarrada com barbante para não abrir. À sua frente, uma mulher com uma elegante echarpe de seda a olhou de cima a baixo, parecendo cobrir com algo semelhante a pena seu casaco usado e os desajeitados sapatos marrons. Valerie desviou o olhar, tocou a carta dobrada no bolso do casaco, sentiu a ponta aguda do envelope – transformada em dobra arredondada e macia por seus dedos nervosos – e juntou coragem; era *por isto* que estava ali. Não havia tido tempo de conseguir algo estiloso. Não que tivesse dinheiro para tanto; as coisas estavam difíceis ultimamente.

Com o queixo ligeiramente erguido, abriu a mala, tirou o casaco, vestiu mais um pulôver e enrolou um cachecol tricotado à mão ao redor do pescoço. Se estivesse nevando, estaria preparada. Mesmo que não estivesse preparada para mais nada.

Ele tinha enviado um mapa, juntamente com a carta. Havia sido um gesto delicado da parte dele. Mais tarde, Valerie percebeu o quão peculiar esse gesto era também; dava um aperto no peito pensar que seu parente vivo mais próximo precisava enviar um mapa para que ela o encontrasse.

Mesmo assim, eles se reuniriam em breve. Isso era o mais importante.

O trabalho ajudaria. Ela tinha mais sorte do que a maioria das pessoas. Além disso, o anúncio dizia não ser necessário experiência, apenas amor pelos livros. Bom, estavam falando dela, não estavam? Como bibliotecária qualificada e antiga livreira, Valerie tinha fugido para os livros da mesma maneira

que algumas mulheres fogem para os braços de homens: mergulhando de cabeça e sem colete salva-vidas.

As palavras de Amélie ainda ressoavam em sua cabeça. “Mas Valerie, isso não é como uma história de um dos seus livros. Não tenho certeza de qual vai ser a reação dele quando descobrir. Vincent Dupont sempre foi um homem temperamental. Pode ser que ele não reaja da maneira que você espera quando chegar lá.”

Não tinha importância, não mesmo, pensou Valerie. Além disso, as pessoas que não liam pensavam que todas as histórias eram contos de fadas. Não eram. As corretas ensinavam quem você poderia ser se tentasse, se pelo menos saísse da sua zona de conforto, da segurança e do conhecido. A única coisa de que ela precisava naquele exato momento era coragem.

Ao sair da estação e passar pelo amontoado de gente, teve sua primeira visão de Paris e sentiu uma agitação alegre. Era como se tivesse uma bolha efervescente flutuando sob os pés, tornando seus passos mais leves e mais ousados, espantando o cansaço da viagem. Apesar do frio, havia um toque dourado no ar, como borbulhas de champanhe, e isso dava aos prédios um brilho âmbar rosado.

Da última vez que estivera ali, tinha 3 anos de idade e corria pelas ruas com sua tia ao sair da cidade. Se fechasse os olhos, quase conseguia se lembrar. A maneira como seus pés batiam nas pedras do calçamento, os aflitos olhos cinza da tia, a pressão da mão dela contra seu braço, firme e implacável, mesmo quando Valerie gritava que estava cansada. Enquanto corriam, ela pôde ver um grupo de soldados uniformizados entrando na rua ao longe. Amélie parou e Valerie deu um encontrão em suas pernas. A tia, então, virou-se rapidamente e lhe disse para ficar quieta, que elas precisavam ir por outro caminho. Agora. Quando ela hesitou, seu braço foi puxado bruscamente. Havia

lágrimas nos olhos de Valerie, mas ela não chorou mais, apenas fez o que Amélie mandou. *Vite*. Rápido.

Valerie não sabia se aquilo era uma lembrança ou simplesmente uma invenção de sua mente a partir do que Amélie lhe contara. Mas parecia real.

Seguiu pela Rue des Arbres, passou por construções com estátuas nas fachadas e por cafés com mesas que, mesmo no sol frio de outono e com previsão de neve fora de época, se espalhavam pelas calçadas, trazendo o perfume de café *noir* recém-coado, de baguetes, e o som das pessoas.

Dirigiu-se para a região de Saint-Germain-des-Prés, espaço de artistas e vagabundos que, nos últimos anos, tinha sido adotado por escritores e feministas, pensadores revolucionários e amantes do jazz, formando um caldeirão de culturas.

Apesar do mapa, logo ela se viu perdida, caminhando ao longo do sinuoso Sena, maravilhando-se com tudo o que via, apesar de não ter ideia de onde estava. Quarenta e cinco minutos depois, encontrou a livraria, enfiada entre um bistrô e uma floricultura, na Rue des Oiseaux. Chamava-se Gribouiller: “rabiscar”. Um toque de fantasia que, mais tarde, ela acharia improvável, na melhor das hipóteses, ou sarcástico, na pior.

Hesitou diante da porta maciça de madeira, cor de ovo de pato, espiando pela janelinha em que as letras douradas do nome da loja estavam gravadas, esmaecidas pelo tempo. Girou a maçaneta de latão e o sino acima da porta tilintou.

Dentro, um fecho de luz se infiltrava pela janela e incidia sobre um velho de cabelos de algodão, sentado num canto junto a uma grande escrivaninha de mogno abarrotada de livros, cartas e cinzeiros transbordantes. Fumava, e não levantou os olhos, apenas acenou com uma mão magra, os dedos manchados de marrom por causa dos cigarros. “Um franco pelos livros

novos, cinquenta centavos pelos velhos. Fique à vontade”, disse, numa voz rouca.

Valerie hesitou, ciente do barulhão que seus pesados oxford faziam no empoeirado chão de madeira. Parou o mais perto que se atreveu da escrivaninha, os olhos contemplando as fileiras de prateleiras brancas personalizadas e as pilhas confusas de livros, que lutavam para se posicionar em cada centímetro da loja. Seu coração batia forte agora que estava ali. Agora que não tinha volta. “*Bonjour, monsieur*. Estou aqui pela vaga.”

“Vaga?”, disse ele, franzindo a testa sem mover o olhar do livro-caixa à sua frente. Piscando os olhos azuis e lacrimosos, tirou os óculos de aro de metal e os colocou sobre a mesa com um pequeno e audível suspiro, relutante em deixar seu trabalho.

“De livreira.”

O homem levantou os olhos e, por fim, reclinou-se em sua poltrona marrom. Havia um rasgo do lado, expondo o estofamento. Interrompeu a tragada no cigarro e olhou para ela através do redemoinho cinza-azulado de fumaça, intrigado, como se o que visse também não parecesse esclarecer grande coisa.

“Você é inglesa”, disse depois de um tempo. Não era uma pergunta, mas uma simples confirmação de um fato.

“Sou”, ela respondeu. Não pôde evitar, sua voz saiu ligeiramente mais aguda do que pretendia. Limpou a garganta. “Escrevi para o senhor faz um tempinho”, disse, tentando fazer com que ele se lembrasse. Seu coração despencou com um pensamento indesejável: *será que ele tinha se esquecido?* Tirando a carta do bolso do casaco com dedos trêmulos, estava prestes a entregá-la. Não fazia mais do que uma semana, mas a carta tinha sido torcida, dobrada e lida tantas vezes que parecia fazer parte dela.

O velho franziu a testa e recolocou os óculos. Depois, deixou sua poltrona com um resmungo e aproximou-se para olhar Valerie adequadamente. O que viu não pareceu impressioná-lo; ela havia retirado o casaco, exibindo dois pulôveres e uma longa saia de veludo marrom. Ao lado dos sapatos de solado grosso estava a mala extremamente surrada.

O velho pareceu franzir ainda mais o cenho diante de seu cabelo loiro dourado e dos olhos verdes; depois, insinuou um breve aceno com a cabeça, embora não demonstrasse qualquer intenção de pegar a carta.

“Você é a moça, a acadêmica”, disse, com uma fungada, apesar de seus olhos parecerem ligeiramente menos frios do que antes, Valerie pensou. Mas isso bem que poderia ser um truque da luz. Ele estalou os dedos, como que para avivar a lembrança, e uma pequena montanha de cinzas caiu no chão, próxima aos seus sapatos, deixando um polvilhado mesclado de cinza na superfície encerada. “Aquela... aquela com aquele... aquele artigo.”

“Os desafios da venda de livros durante a guerra: um estudo de duas cidades durante a Blitz e a Ocupação”, Valerie citou. “Sim. Sou Val...” Ela parou, depois se corrigiu rapidamente, falando mais alto: “Isabelle Henry”. Deu o nome falso, esperando que ele não tivesse percebido o lapso. Falavam em francês. Ela sabia que ele não aceitaria outra possibilidade. Tinha sido advertida por Amélie.

“Vincent Dupont”, ele disse, olhando brevemente, com um alçar da sobrancelha cinza, a mão dela estendida; seus lábios emitiram um “pff” baixinho. Ela puxou a mão rapidamente e sorriu, sem graça.

Olhou para ele buscando absorver tudo, do cabelo branco ao nariz longo que se arredondava ligeiramente na ponta, os olhos

azuis penetrantes, absurdamente claros, as costas arqueadas, a calça e os mocassins beges, o cardigã esmeralda com reforços de couro nos cotovelos, na altura em que um livro, meio enfiado no bolso esquerdo, com a capa amarelo-claro e as pontas reviradas, se encostava no quadril.

Ele acenou levemente com a cabeça. “Vou te mostrar seu quarto. Não é grande coisa”, avisou, conduzindo-a até um lance de escada, atrás da escrivaninha, que levava ao apartamento no andar superior e ao quartinho que ela usaria, o qual, segundo o anúncio, tinha uma cama de solteiro, uma pia e uma chaleira. Mais tarde ela deduziria que esta última era o toque final na intenção de uma hospedagem de luxo. Chá e açúcar não estavam incluídos; Monsieur Dupont não administrava uma instituição de caridade. Ela não se importou. Estava ali, finalmente: era o que importava.

Seu coração deu um ligeiro salto enquanto o seguia. A escada era ladrilhada de preto e branco e espiralava como uma pequena torre em concha. Para sua surpresa, Valerie descobriu que a reconhecia: podia se ver em um par de sapatos vermelhos que cintilavam ao sol, pulando seus degraus, quando criança. Arfou baixinho com a lembrança súbita e esquecida.

Uma lembrança daqui. Estendeu a mão até a parede para se firmar, notando, ao fazê-lo, que as paredes tinham mudado: costumavam ser brancas, mas agora eram cinza e descascadas, precisando de nova pintura. Costumava haver um corrimão de latão, mas ele também havia sumido, substituído por um anteparo barato, de plástico.

Sem perceber seu momento de choque e surpresa, a constatação progressiva de que havia estado lá antes, Monsieur Dupont virou-se para olhar para ela, estreitando os vívidos olhos azuis contornados de vermelho. “Você não vai mudar de

ideia agora, vai? Mandei limpá-lo. Expliquei que você teria um quarto no apartamento sobre a loja. Nunca fiz com que parecesse o hotel George V naquela carta, tenho certeza”, disse ele, num tom cansado e impaciente.

Ela sacudiu rapidamente a cabeça e apertou a mala, os nós dos dedos brancos, mostrando para ele o que Freddy chamava de seu sorriso megawatt. “Ah, não, está ótimo, obrigada, maravilhoso.”

Ele olhou para ela, um tanto curioso por seu entusiasmo excessivo. “Você ainda não o viu.”

Valerie corou ligeiramente.

Monsieur Dupont girou a maçaneta de latão e ela entrou em um pequeno apartamento banhado de luz, que incidia em um assoalho de madeira encerado num padrão espinha de peixe. As janelas eram grandes e davam para as ruas de Paris, com a torre Eiffel ao longe. Em frente à sala havia uma cozinha com uma mesa redonda e uma pequena prateleira que abrigava um tímido amontoado envelhecido de livros de culinária.

Ele lhe mostrou o banheiro, depois o caminho até um quarto minúsculo na extremidade oposta do apartamento. Destrancou a porta e a abriu com um pouco de força. Dentro, o ar cheirava a mofo e falta de uso. Havia uma cama de solteiro coberta com uma colcha de retalhos, um guarda-roupa infantil, uma pia minúscula no canto, ligeiramente enferrujada, e, em um banquinho baixo na ponta da cama, ao lado de uma lasca de janela, a infame chaleira com uma caneca e uma colher de chá. Se abrisse os braços, ela conseguiria tocar as paredes dos dois lados. “Está bom, *merci*”, disse.

Ele fez um ruído de concordância. “Vou deixar você desarrumar a mala antes de começarmos a trabalhar. A loja abre

seis dias por semana, com um intervalo para o almoço às 14h, depois volta a funcionar das 17h às 21h. Isso é um problema?”

Ela fez que não com a cabeça.

Ele acenou e se virou para sair; depois, inclinou-se para ela com a testa franzida, e ela se perguntou se talvez, por um momento, ele finalmente a reconheceria. Mas então ele disse: “Peixe?”.

“Peixe?”

“Você come peixe?”

Ela assentiu. Ele saiu, dizendo “*Bon, jantar*”.

Ela se sentou na cama, tentando acalmar seu coração enquanto desenrolava o cachecol grosso de lã, olhando o quartinho à sua volta.

Ele não a reconheceria. Por um momento, quando prendeu a respiração, pensou que ele tinha percebido quem era, visto algo familiar em seus olhos, em seu sorriso. Mas não.

Respirou fundo, repreendendo-se pelos pensamentos românticos. Fazia dezessete anos que ele não a via, e ela nem lhe dissera seu nome verdadeiro. Agora, suspeitava que, se tivesse dito, havia grandes chances de que tia Amélie estivesse certa: ele a *teria* posto para fora.

➤ CAPITULO TRES ⇐

Três semanas antes

Londres

O anúncio para o cargo de livreira na Gribouiller era uma coisa mínima comparado ao anúncio para um cargo em uma fábrica de geleias em Lyon, ou outro para costureira em Montmartre, e tinha apenas três linhas. Mas, para Valerie, poderia ter sido igualmente escrito em letras maiúsculas na primeira página; o nome da livraria saltou aos seus olhos e fez seu coração parar.

Freddy o havia tomado dela, colocando o jornal sobre a grudenta mesa de madeira dentro do bar de esquina favorito deles, que sempre cheirava a sidra velha e ovos escoceses. “Não”, ele avisou.

Ela levantou o rosto, seus olhos verdes encontrando os dele, castanhos escuros. Os dela tinham aquele olhar. Um olhar que ele reconheceu, e então resmungou: “Sabia que deveria ter guardado isso comigo”.

Ele tinha descoberto o aviso por acaso, em um exemplar da semana anterior do *Le Monde*. Agora, desejava não tê-lo mostrado a ela.

Ela deu um sorriso relutante, apesar do fato de que tudo parecia estar saindo do eixo depois de ver o aviso. “Você não se atreveria.”

Ele enfiou a cabeça nas mãos, fazendo seus revoltos cabelos castanhos ficarem ainda mais despenteados do que o normal. Freddy tinha uma aparência de moleque que o acompanharia

até o fim dos seus dias. Era isso que fazia dele um jornalista tão bom; ninguém o levava a sério, até ser tarde demais. “Não”, ele admitiu. Freddy era o primeiro a reconhecer que, no que dizia respeito a Valerie, era impossível ter uma perspectiva.

Ela virou de uma vez o restante da cerveja morna dele, fez uma careta e se levantou, fazendo uma saudação e preparando-se para deixar o calor do bar. “Preciso tomar um pouco de ar, pensar nisso”, dissera, mesmo fazendo pouco mais de dez minutos que haviam se sentado.

Freddy olhou para ela, confuso. “Bom, te vejo mais tarde então, certo?”

Ela concordou vagamente. Só conseguia pensar nas palavras do anúncio, que reverberavam em seu crânio como a batida de um tambor:

Procura-se atendente de livraria, fundamental adorar ler, não é necessário experiência, quarto disponível com chaleira.

Tinha parecido um sinal. Uma entrada.

Saiu do bar, aturdida, e caminhou pelas ruas do norte de Londres debaixo de chuva. Passou aquela noite esboçando a carta, dizendo tudo ao avô, menos a verdade: seu interesse por literatura francesa, seu amor pela leitura, seu sonho em passar um ano no exterior, a oportunidade que tal cargo lhe daria para completar seus estudos, e o ensaio ficcional que estava escrevendo sobre a venda de livros durante a Segunda Guerra Mundial. Apelou para o orgulho francês dele, afirmando ter certeza de que tinha sido mais difícil durante a Blitz do que durante a Ocupação. Algo lhe dizia, pelas explicações de tia Amélie sobre seu temperamento, que isso poderia ajudar a garantir, no mínimo, uma resposta, mesmo que fosse grosseira. Decidiria o que fazer depois, caso ele dissesse não.

Tinha feito muitas perguntas, queria saber se ele poderia aceitá-la sem uma entrevista prévia, já que a viagem a Paris seria de alto custo para ela, com seu salário de assistente da Biblioteca Britânica. Sugeriu que poderia trabalhar de graça na primeira semana como forma de ganhar experiência, oferecendo-se para cozinhar em troca do quarto, de informações sobre a loja durante a guerra e da passagem de volta para casa, se o arranjo não desse certo.

Esperou impacientemente pela resposta durante uma semana e meia, atacando a caixa de correio todo final de tarde, quando chegava do trabalho, mas nunca havia nada. Então começou a perder a esperança.

Freddy a olhou incrédulo quando ela contou o que havia feito. “Ah, Val, sua bobinha”, ele disse, abraçando-a. “Uma experiência? Você realmente acreditou que ele cairia nessa?”

Ela fechou os olhos e se apoiou no braço enfiado no casaco, sentindo-se uma idiota. Freddy sempre lhe dizia que ela vivia em um mundo encantado, mas era o que ele mais gostava nela – seu eterno otimismo, a maneira como via o mundo do jeito que poderia ser, e não como realmente era, às vezes. No entanto, isso frequentemente significava que os resultados adversos eram bem piores. Como seu melhor amigo e vizinho de porta, tinha estado por perto vezes o bastante, no passado, para recolher os pedaços.

Ela era apaixonada por Freddy Lea-Sparrow desde sempre, desde o dia em que sua tia Amélie a apresentara ao vizinho de cabelos castanhos desgrenhados, rosto bronzeado e olhos sorridentes. Esse era um sentimento que ela nunca chegou a superar, ainda que, sendo vários anos mais velho, ela ficasse com o coração partido cada vez que ele aparecia com alguma nova garota, o que aconteceu muitas vezes enquanto crescia.

Mas essa frequência havia diminuído nos últimos anos, desde que seu trabalho como jornalista do *The Times* passara a exigir demais. Não havia muito tempo para uma vida amorosa quando se estava sempre em campo, atrás de uma história.

Agora, contudo, diante de suas palavras, Valerie sentiu como se uma pedra tivesse caído em seu estômago. Ironicamente, ela se perguntou se seria o peso da sua própria estupidez afundando lá dentro.

É *claro* que seu avô não daria uma chance a uma livreira inglesa desconhecida, deixando-a se mudar para seu apartamento. Quem daria? Por que todo esse esforço, quando ele poderia simplesmente contratar alguém que morasse na cidade, alguém que bastaria botar para fora se a coisa não funcionasse? Alguém que não pedisse tanto dele.

Foi por isso que não acreditou quando abriu a porta do apartamento naquele final de tarde e viu a carta à sua espera na caixa de correio. Ela a agarrou e a abriu rapidamente.

23 de setembro de 1962

Mademoiselle Isabelle,

Com certa apreensão, concordo com seus termos. Gostaria de dizer que é um acordo plausível, mas aprendi que não se deve jamais declarar, por escrito, coisas das quais a pessoa possa se arrepender. No mínimo, estou ansioso, da mesma forma que ficaria se encontrasse um cachorro com raiva, para conhecer o tipo de pessoa que acha que vender livros durante um bombardeio é mais desagradável do que durante a Ocupação Nazista de Paris. Considere minha oferta de emprego temporário, portanto, um dever patriótico.

Contudo, devo preveni-la: em relação ao cargo em questão, meus padrões são exigentes. São padrões

franceses, aos quais você não está acostumada, vinda de um país com tão poucos padrões para reservar qualquer estoque. O resultado disso é que não prevejo que você vá durar muito. No entanto, fui convencido a ser magnânimo, porque ainda tenho que encontrar uma equipe adequada na cidade. É possível que ocorra um milagre e que possamos ser simpáticos um com o outro, mas tenho tanta fé em milagres quanto na cuisine inglesa. Devo preveni-la, também, de que o horário é extenso e o pagamento é abaixo do salário mínimo. Se isso for aceitável, fico satisfeito em oferecer um quarto (com chaleira). Devo enfatizar que não posso permitir que você cozinhe, como sugeriu. Sou um velho que já enfrentou o suficiente nessa vida, e não arriscarei a cuisine inglesa no inverno dos meus anos; tenho certeza de que meu corpo não suportaria isso. Caso seja aceitável, verei você na semana que vem, de acordo com a sua disponibilidade. Incluí um mapa.

Cordialmente,

Vincent Dupont

E foi assim que, numa terça-feira fria, Valerie entregou sua carta de demissão na Biblioteca Britânica e foi para casa contar aos tios que estava se mudando para Paris na semana seguinte, a fim de encontrar o avô, deixando-os chocados e tristes. Valerie sabia que, se lhes mostrasse a carta ou contasse seu plano de trabalhar para ele em segredo, apenas faria com que se preocupassem mais. Mas foi Freddy, de fato, quem mais se opôs.

“Você não pode simplesmente ir.”

“Por que não?”

Ele arregalou os olhos. “E se ele for louco? Ele parece louco. E arrogante, e um pouco cruel, Val. E se ele te colocar na rua

quando descobrir quem você é? Você vai estar sem dinheiro, abandonada em Paris. Não acho que seja uma boa ideia.”

Ela olhou para ele, para os olhos castanhos e o cabelo desgrenhado que tinha amado durante a maior parte da sua vida. Faria qualquer coisa por Freddy, mas não isso. Não poderia ficar, não agora que tinha a chance de, finalmente, conhecer o avô, de saber sobre sua mãe, sobre seus pais.

“Tenho que ir, você não entende? Foi um sinal!”

“Foi só um anúncio.”

“Que *VOCÊ* achou, Freddy.”

Ele fez uma careta. “Não me lembre.”

Ela tocou seu braço. “Vai dar tudo certo.”

Ele suspirou. “Sei que você vê a coisa desse jeito, como um sinal, mas por que não faz isso de um jeito sensato? Não dá para simplesmente ir correndo para lá, sozinha...”

“Por que não?”

“Porque o tiro pode sair pela culatra. Ele te abandonou por um motivo, Val. Sei que você quer um encontro de conto de fadas, mas não tenho certeza de que vá conseguir.”

Suas palavras eram duras, muito parecidas com as objeções dadas por Amélie um dia antes. Os olhos de Valerie marejaram quando ele as disse. Aquilo era mais importante do que algum conto de fadas imaginário. Por que eles não conseguiam entender?

“Não estou indo até lá para ter um grande encontro ou para substituir quem eu tenho. Adoro meus tios, minha vida em Londres. Estou indo por *mim*. Quero respostas, Freddy, quero saber o que eles esconderam de mim a vida toda, e por que. Você não consegue entender isso!”

Freddy não entendia, e jamais entenderia. Seus pais sempre viveram na Simmonds Street, ao norte de Londres. Ele tinha

nascido e sido criado naquela cidade, juntamente com o restante da sua família, todos vivendo a poucos passos da sua porta. Seus parentes mais distantes viviam em Edimburgo, e a mistura não passava disso. Freddy sabia tudo que havia para saber sobre si mesmo e sua família. Ele pertencia àquele lugar. Valerie era uma estrangeira, uma menina com um leve sotaque, mesmo agora, herdado dos seus primeiros anos aos cuidados da tia, quando falavam mais francês do que inglês. O resultado disso, apesar de a Inglaterra ser o único país que ela de fato conhecia, quando foi para a escola e arrumou amigos era sempre rotulada como a menina francesa, ainda que não soubesse nada além das noções básicas do lugar de onde realmente vinha.

Esse era um tópico que ela nunca era encorajada a abordar. “É passado”, diria Amélie. Sempre que Valerie mencionava Paris, sua mãe ou a guerra, era a mesma coisa. As únicas histórias que Amélie compartilhava com ela sobre sua mãe eram as de quando era criança. Nunca ocorreu a Valerie que isso acontecesse porque ela nunca a conhecera de fato para poder contar mais coisas. Valerie só descobriria isso muito mais tarde, quando a verdade levantaria mais perguntas do que as respostas que ela tinha: sobre o motivo de ter sido mandada para morar com alguém que era, para todos os efeitos, uma *estranha*.

Havia dias em que ela se sentia inglesa, realmente se sentia, apesar de não ter sangue inglês. Sua inclinação para os livros, seus amigos, até seus interesses eram ingleses, e agora ali era seu lar. No entanto, ocasionalmente, havia aqueles pequenos momentos em que simplesmente não se sentia; quando a mentira desabava em seus ouvidos, quando ouvia música francesa ou a voz de uma mulher, algo revirava e apertava seu coração, fazendo-a visualizar *maman*. Uma mulher que lhe disseram para esquecer, uma mulher que lhe disseram para

deixar no passado. Mas como poderia esquecer sua própria mãe? Como poderia deixar de tentar descobrir o que havia acontecido com ela? Por que suas vidas tinham mudado? Nem ao menos sabia como sua própria mãe tinha morrido; Amélie só dissera que ela tinha morrido na guerra, não do que, nem como. Todas as vezes em que perguntava, os lábios de Amélie cerravam-se como uma ostra. Se pressionada, dizia que não sabia, embora Valerie soubesse que não era verdade. Só o que de fato sabia sobre sua antiga vida era que seu avô possuía uma livraria em Paris, próxima ao rio, e que ele ainda estava vivo, e talvez tivesse as respostas, aquelas que ninguém mais lhe daria. Não era um conto de fadas, era uma busca, por sua história por seu passado.

Por fim, Freddy comprou a passagem.

➤ CAPÍTULO QUATRO ⇐

Paris

Havia apenas uma única luz, sustentada por um fio, sobre as pilhas de livros espalhadas no chão empoeirado, alguns ainda em caixas, precisando ser postos nas prateleiras. Debaixo dessas pilhas havia o mesmo assoalho de madeira em espinha de peixe, igual ao do apartamento no andar de cima, embora coberto de arranhões. Vincent Dupont não via a poeira nem as caixas, muito menos as prateleiras transbordando. Não mais. Se visse, teria percebido o quanto precisava da garota que desfazia as malas lá em cima.

Sendo assim, estava decidindo se a perturbação valia ou não a pena. Havia algo no sorriso da menina, uma espécie de inocência, que cutucava uma coisa que ele supunha estar enterrada havia muito tempo, bem no fundo, algo que ele podia evitar naquele momento.

Resmungou e pôs-se a trabalhar sem entusiasmo, desempacotando uma das caixas grandes no chão, sua lombar latejando em protesto. Em questão de minutos, Vincent Dupont conseguia localizar qualquer um entre os milhares de romances que guardava em sua loja. Ou, pelo menos, era assim que costumava ser. Agora, as coisas levavam mais tempo. A poeira começava a se acumular, e às vezes chegava uma nova encomenda que nunca mais seria encontrada.

O sino tilintou e ele levantou os olhos, franzindo o cenho. Soltou uma leve exclamação de impaciência e revirou os olhos,

buscando um cigarro enquanto Madame Joubert entrava. Era uma mulher bonita, alta, de ombros largos, que parecia imponente com seus cachos vermelhos balançando e uma lufada glamorosa de perfume. Dupont se preparou para o que ela iria dizer.

“E?”, ela perguntou, balançando-se em seus pés tamanho 42, os quais, como de costume, apesar da sua considerável altura, estavam acomodados em saltos altos.

“E o que?”, ele rosnou. “Posso ajudá-la? A senhora realmente vai comprar um livro desta vez, madame?”

Madame Joubert riu com impaciência. “Dupont, não seja ranzinza. Ela está aqui?”

“Quem?”, ele perguntou, embora, logicamente, soubesse muito bem a *quem* Madame Joubert se referia.

“Sua nova funcionária. Onde ela está?”

Ele deu de ombros, apontando na direção da escada com o cigarro. “Uma jovem inglesa com um espantoso senso de estilo está lá em cima, neste momento, desempacotando o que provavelmente deveria ser jogado no Sena. Se for a ela que você se refere.”

“Dupont, seja gentil. Ela disse que era estudante. E vem da Inglaterra.” Como se isso fosse uma desculpa. Madame Joubert era o tipo de pessoa que tinha dó de qualquer um que não tivesse o benefício de crescer em Paris.

Era ela quem dirigia a conhecida floricultura ao lado, e também quem havia sugerido que estava na hora de Monsieur Dupont contratar alguém para ajudá-lo. Ela o encontrara inconsciente no chão da loja certa vez, desmaio atribuído à baixa taxa de açúcar no sangue. O médico chamado ao local alertou que Monsieur Dupont precisava parar de fumar e procurar alguma ajuda na loja. O problema foi ter dito isso em

frente a Madame Joubert, que parecia um cachorro com um osso. Por fim, Dupont concordou com apenas uma das duas coisas. Pararia de fumar depois de morto.

Madame Joubert o ajudou a colocar o anúncio para atendente de livraria no *Le Monde*. Depois de ele ter enxotado várias candidatas francesas, mostrando, mais tarde (com uma risada mordaz), a carta escrita por uma inglesa chamada Isabelle Henry, foi ela também quem o convenceu a arriscar. Alguém que conseguisse, intencionalmente, irritar um francês como aquele, com certeza – na opinião de Madame Joubert – tinha nervos de aço, e talvez não se assustasse com tanta facilidade quanto as outras. Uma qualidade essencial, ela pensou.

Madame Joubert tinha lido a carta da inglesa, escrita num perfeito francês escolar, e decidiu que alguém diplomado em biblioteconomia parecia um sinal dos céus. Ignorando os protestos de Dupont, disse-lhe que escrevesse de volta e concordasse com os termos dela.

“Vou ter que ouvir a voz dela, o que seria doloroso demais.”

“Não seja ridículo”, ela respondeu.

“Ela se ofereceu para cozinhar”, disse ele, mostrando a carta e espetando as palavras da menina com um dedo nodoso. “De todas as mulheres em Paris que poderiam cuidar de mim, você quer que uma inglesa faça a minha comida?”

Madame Joubert caçoou. “Qual o problema, Dupont? Por acaso você janta todas as noites em restaurantes cinco estrelas? Não finja, meu querido, ser algum *gourmand*, quando todos os dias é uma baguete com o mesmo *fromage* e *jambon*, ou um *croissant* como café da manhã! Tenho certeza de que ela pode viver de acordo com esses padrões exigentes.”

Ele resmungou, mas Madame Joubert saiu ganhando, é claro. Naquela noite ele escreveu para a menina inglesa, mas

estabeleceu um limite quanto a cozinhar para ele.

Agora, é óbvio, arrependia-se de ter cedido. Ela tinha chegado, cativante e loira, os enormes olhos verdes parecendo que se encheriam de lágrimas ao mais leve palavrão. Como ele deveria lidar com isso? Além do mais, não podia olhar para ela. Lembra-lhe demais sua filha Mireille, e isso bastava para fazê-lo querer caminhar até o Sena e se jogar lá dentro, embora jamais fosse contar isso a Madame Joubert, é claro.

Valerie não demorou muito para desarrumar a mala. Dois vestidos e outro par de oxford pretos. Algumas roupas de baixo, dois cardigãs, três blusas, uma saia de veludo cotelê, um par de chinelos, três pares de meias compridas e duas camisolas. Era esse todo o seu guarda-roupa no momento, e cabia facilmente nas duas primeiras gavetas da cômoda, sobrando bastante espaço. Guardou a mala debaixo da cama, depois se sentou no banquinho, colocando a pequena chaleira no chão, e olhou para o pátio lá fora. Além dele, podia ver o alto do telhado da construção vizinha. Até os telhados de Paris contavam uma história, pensou.

Valerie endireitou os ombros, jogou um pouco de água no rosto e desceu ao encontro do avô. Em vez dele, porém, encontrou o vultuoso corpo de Madame Joubert.

Clotilde Joubert ergueu as sobrancelhas arqueadas e acenou a mão com unhas esmaltadas de vermelho. “Ah, a moça inglesa”, disse, abrindo bem os braços. “Bem-vinda.”

Valerie sorriu enquanto a mulher se apresentava: “Meu nome é Clotilde Joubert. Tomo conta da floricultura ao lado. Soube que você era a nova vítima e pensei em vir me apresentar, para o caso de você precisar de uma testemunha confiável para a acusação”.

Houve uma fungada insatisfeita vinda de Monsieur Dupont, que voltara a se sentar na cadeira atrás da escrivaninha e enfiava uma folha de papel em uma máquina de escrever azul-marinho, um cigarro pendurado nos lábios.

“Ignore-a. Todos nós ignoramos.”

Madame Joubert deu de ombros. Valerie sentiu o aroma de flores e se perguntou se seria o perfume dela ou se o cheiro simplesmente irradiava dos seus poros. De qualquer maneira, era convidativo, e imediatamente gostou da mulher.

“Sou a Isabelle”, disse Valerie. “Isabelle Henry.”

“Nome francês?”

Valerie hesitou; deveria contar a verdade, que tinha nascido na França? Antes que pudesse decidir, Madame Joubert olhou sobre o ombro e viu a fila que se formava em frente a sua lojinha. “Me desculpe, preciso voltar. Só queria vir te cumprimentar. Venha a qualquer hora, quando precisar restaurar sua fé de que existe algo de bom neste mundo...”

Valerie conteve uma risada.

Houve mais um resmungo vindo do fundo da loja. “Essa aí passa tempo demais cheirando rosas, apodreceu seu cérebro.”

Valerie sorriu. Dava para perceber que, apesar do que diziam, os dois eram amigos de verdade, ou o mais próximo possível disso.

Monsieur Dupont resmungou para ela começar a esvaziar algumas caixas e usar o selo com um grande G, de Gribouiller, no interior da capa. “O senhor não usa adesivos?”, Valerie perguntou.

O olhar que ele lançou era páreo para o da Medusa. Ela tomou isso como um não e se pôs a trabalhar. Temeu, embora já fosse quase noite, que aquele fosse um longo dia.

⇒ CAPÍTULO CINCO ⇐

VINCENT DUPONT ERA O TIPO de homem que fazia jus a primeiras impressões. Sem dúvida causara uma em Valerie, e, durante a primeira semana dela na Gribouiller, ele se tornou ainda mais rabugento no decorrer dos dias, se é que era possível. Parecia que o período de gentilezas havia passado, especialmente quando se tratava do bom andamento da sua livraria e de qualquer ideia que ela pudesse ter para deixá-la melhor.

Ele se opôs, enrubescendo as bochechas cheias de veias azuis, quando ela começou a colocar nas prateleiras, em ordem alfabética, os livros que tinha começado a tirar de algumas das muitas caixas não abertas. Disparou da cadeira rapidamente, os olhos azuis indignados.

“*Non, non!* Vou te explicar o sistema. Funciona bem. *Attention.*”

Foi assim que Valerie descobriu, em seu primeiro dia, o primeiro obstáculo no relacionamento deles: o sistema Dupont. Um sistema de organização no qual os livros eram arrumados de acordo com o fato de o autor ter ou não enlouquecido. A isso se seguia o ano de publicação, única concessão que ele fazia, uma vez que o tempo podia desculpar algumas coisas, mas não todas. “Ele não tinha conhecimento, então”, disse, por exemplo, referindo-se a Émile Zola (neste caso a referência era sobretudo ao desdém do autor pela torre Eiffel, e não pelo seu trabalho, ele assegurou mais tarde), “mas Alexandre Dumas com certeza deveria ter”, e um exemplar de *Os três mosqueteiros* (sua

crítica se baseava sobretudo no tamanho e na tendência do livro para o suprarromantismo) foi atirado na lata de lixo, em protesto. (Uma Valerie bem chocada o espanou rapidamente e o colocou de volta na prateleira quando Dupont não estava olhando.)

“Floreado demais” era o trabalho de Molière, que foi para a seção “Enxaquecas”, rotulada por Dupont num rabisco a lápis quase ilegível em um pedacinho de papel pregado na prateleira com um alfinete azul. A palavra estava sublinhada várias vezes com traços a lápis.

“Inglês demais” foi a única declaração para um volume fino da poesia de Wordsworth, colocado em uma seção chamada “*Anglais Fou*”, inglês maluco. “É verdade, o campo é um bálsamo, *mon Dieu*, mas contenha-se, Monsieur Wordsworth, mantenha-se firme e tudo mais, *s’il vous plaît...*”

Ao que parecia, não tinha nada que desse mais prazer a Dupont do que irritar seus clientes.

Valerie gastou a saliva tentando explicar que, talvez, um sistema que não julgasse o gosto do leitor resultasse em melhores vendas – com certeza, antes de tudo, o principal objetivo de alguém ter uma livraria. A sugestão foi recebida com duas mãos erguidas, como que para remover suas palavras, um bufo e uma ladainha sobre o fato de que ele tinha a loja havia mais de quarenta anos, e era seu dever – por mais que fosse cansativo o manto da responsabilidade – tampar a crescente onda de estupidez nas ruas de Paris, a qual, ele alertou, aumentava dia a dia, incentivando seus fiéis clientes a evitar o apodrecimento dos seus cérebros com baboseiras.

E apesar de tudo, seus clientes, embora poucos, *eram* fiéis, Valerie não pôde deixar de notar. Corajosos também. Pareciam vir mais para a preleção de Dupont do que qualquer outra coisa.

Como o homem que saiu sorrindo, agarrando com orgulho seu exemplar de Jane Austen, *Razão e sensibilidade*, ainda que, na realidade, quisesse comprar o último livro sobre James Bond, de Ian Fleming.

Na hora do jantar, Dupont preparou truta com batatas assadas no que chamava de “molho de manteiga da peixeira”, que consistia, principalmente, de manteiga com limão, e Valerie teve de reconhecer que estava delicioso.

“Receita da minha mãe; ela veio de Marselha”, ele explicou quando ela perguntou. “Embora não fosse uma boa peixeira”, ele disse, com uma risadinha que se reduziu a uma tosse.

No início, Dupont não entrava em detalhes a respeito da mãe, Margaux, a não ser para dizer: “Ela caiu em si e veio a Paris, deixando meu pai com seu vinho e suas mulheres no sul”.

Valerie não soube o que dizer quanto a isso, senão impedir-se de exclamar que seu bisavô era um *mulherengo*.

“Mas ela tinha algum dinheiro dos pais. Foi assim que comprou este apartamento.”

“Quantos anos o senhor tinha quando se mudou para cá?”

“Era um menino, 6 ou 7. Abri a loja antes de ter 14 anos.”

“14?”

Ele deu de ombros. “Naquela época não era tão incomum, e a gente tinha o espaço.”

“O senhor sempre quis ter uma livraria?”, ela perguntou, imaginando-o um garotinho lendo livros às margens do Sena, conversando com estudantes da Sorbonne.

Mas ele apenas bufou. “O que mais eu ia fazer, abrir um bistrô?”

O que, vindo dele, era o máximo de confidências que ela poderia esperar.

No decorrer da semana, eles entraram em uma rotina. Monsieur Dupont acordava às 6 e chegava na loja às 7. Valerie fazia o café da manhã (ou pelo menos ele deixava para ela a tarefa de buscar os *croissants* na padaria na esquina), mas seu café era tomado com má vontade, assim como as baguetes preparadas por ela eram cutucadas, com relutância, antes de ele mordiscar as beiradas.

“Onde foi que você arrumou este *jambon*, no *marché*?”

Ela iria descobrir que o mercado era comparável ao diabo.

“Não, no açougue, naquele que o senhor recomendou.”

Houve uma farejada. “Ele deve estar de folga.”

Apenas um segundo depois: “A baguete...”.

“O que há de errado com ela?”, Valerie suspirou.

“Está amanhecida”, ele respondeu, cutucando o centro mole, difícil de mastigar.

Valerie bufou. “Ela saiu do forno há dez minutos. Fiquei meia hora na fila esperando essa baguete.”

Outra farejada. “Vai ver que devemos experimentar a padaria na Rue des Minuettes.”

Experimentar uma padaria em outra rua era como afirmar que ele viajaria para a lua. Era também uma ameaça vazia.

Logo ficou suficientemente claro que, por mais que o tempo passasse, além da baguete esquisita, com a qual ele implicou, ele definitivamente não confiava nela na cozinha, mesmo com ela insistindo que tinha crescido com uma parente francesa, motivo que usou para explicar seu francês impecável.

“Pff, na Inglaterra?”

“O senhor já esteve na Inglaterra?”, ela perguntou. “Acho que poderia ficar agradavelmente surpreso.”

A afirmação foi recebida com um olhar de profundo deboche, como se ela fosse um gato doméstico tentando convencer um

leão do quanto era feroz.

“Eu cresci em Londres”, ela explicou. “A comida de lá é muito boa, talvez nem todos os restaurantes, bares e cafés sejam tão fantásticos quanto em Paris, mas com certeza existem alguns imbatíveis.”

Para sua surpresa, no entanto, ele concordou, acenando com a mão num gesto de confirmação. “Ah, *oui*, Londres, isso é outra coisa, sim. *Dickens*”, ele disse, admitindo com um leve gesto de cabeça. Como se só aquela palavra e um único homem elevassem a cidade por completo. Não havia argumentos contra Monsieur Dickens, ela descobriria.

Valerie franziu a testa. “Mas Londres fica na Inglaterra!”

Ele estreitou um olho e abanou a mão, como que dizendo sim e não. Com isso, uma pilha de cinzas do cigarro caiu no chão. Ela não admitiria isso para ele, é claro, mas achava que sua opinião não estava errada.

Os resmungos dele com certeza faziam os dias passarem rápido. Seu pavio tinha mais ou menos o comprimento de um cílio, e explodia com regularidade e veemência. Com a mesma velocidade aquilo acabava, como uma nuvem passando sobre o sol, e ela logo se acostumou com seus rompantes, embora nos primeiros dias eles a deixassem com os punhos cerrados e o estômago revirado.

Eles tiveram sua primeira discussão de verdade no segundo dia dela ali, quando ele atacou um dos seus autores preferidos, chamando Marcel Proust de um desperdício de papel.

A discussão durou precisamente 37 minutos, e ele só parou para fazer café antes de continuar. Se ela tivesse pedido chá, a discussão teria durado mais tempo. Ele se recusava a armazenar chá, dizendo que deixava cheiro na cozinha.

“O senhor não pode estar falando sério!”, ela exclamou, chocada com sua opinião sobre Proust, e não sobre o chá (motivo de ela ter a chaleira no quarto, ele explicou). “O homem é um gênio. Algumas pessoas acham que ele provocou um dos maiores impactos na literatura moderna até hoje.”

“Pff. Não passa de um esnobe pretensioso. Algumas boas citações, claro, mas, em sua maioria, uma lenga-lenga autoindulgente que preenche três mil páginas com algo que poderia ser dito em trezentas. Seus editores deviam ser fuzilados.”

Valerie ficou boquiaberta. Proust era... bem... *Proust*. Era como dizer que Shakespeare não era lírico, poético, que era apenas um fenômeno passageiro. Estreitou os olhos. “Então o senhor prefere o estilo de Hemingway, cheio de frases curtas e contundentes?”

Ele pareceu indignado. “Um americano? Ouça, no dia em que os franceses começarem a ter aulas de estilo com os americanos, a França toda deverá desaparecer do mapa, seguindo o caminho do dodô, e às pressas...”

Os olhos de Valerie saltaram. “Bom, ao contrário do dodô, os franceses ainda estão aqui exatamente porque os americanos ajudaram a salvar Paris durante a guerra.”

Ele suspirou. “Eu nunca disse que eles não são bons soldados ou corajosos. Mas é demais dizer que sabem alguma coisa sobre estilo.”

“Em literatura ou moda?”

“Os dois.”

Valerie pôs as mãos no quadril. “Fitzgerald, Melville, Faulkner, pelo amor de Deus?”

“Pff.”

Então, ele olhou para ela e levantou um dedo, como uma bandeirinha branca. “Espere. Tudo bem... Eu reconheço... Dickinson.”

“Dickinson?”

“Emily Dickinson. Ela fazia amor com o travessão. Faz com que você queira usá-lo mais. Bom, isso é estilo. Na verdade, tenho um volume em algum lugar. Vamos colocá-lo na seção boa, está bem? Celebrar os americanos que ajudaram a libertar Paris.” Ele estava apenas sendo um pouco sarcástico.

A seção boa era chamada simplesmente de “*Pas Mal*”, não tão ruim. Aqueles eram os livros aceitáveis para alguém comprar. Não havia muitos.

O cessar-fogo durou cerca de dez minutos, quando ela descobriu que Bram Stoker – criador do Drácula – era um “teórico conspiratório” e que Sir Arthur Conan Doyle era um idiota que jogava golfe.

“O que isso tem a ver?”, ela gritou, exasperada.

Ele olhou para ela, sem acreditar. “Tudo. Não é possível um homem ter poesia na alma e jogar golfe.”

Isso, Valerie pensou com seus botões, era um pouco hipócrita, considerando que ninguém em seu juízo perfeito diria que Dupont tinha poesia na alma. Mesmo assim, ela disse: “Ele criou Sherlock Holmes! Não precisava de poesia!”.

Dupont olhou para ela. “Todos nós precisamos de um pouco de poesia na alma, ou então, como Sherlock, podemos muito bem cheirar cocaína para fugir da vida.”

Certamente as tiradas de Monsieur Dupont faziam o dia voar.

Quando Valerie não estava sendo submetida às suas tiradas, passava o tempo caminhando pelas ruas do bairro, parando para olhar os patos no Sena e a passagem dos alunos da École

Élémentaire Levant, na esquina da sua rua, onde pontualmente às 4 da tarde, todos seguiam ruidosamente até a padaria com as mães e babás para o *gôûter* – um lanchinho doce na hora do chá para aguentar até a hora do jantar. Muito diferente da infância de Valerie, quando, em geral, 4 da tarde significavam que ela tinha à sua espera uma batata assada com casca como lanche após uma caminhada penosa e gelada na neve.

Havia boutiques, cafés e quiosques na calçada, onde pessoas vendiam de tudo, de arte a bijuterias e discos de vinil, a própria rua um vilarejo em si mesma.

No Le Bistrô Étoilé, ao lado, com suas cadeiras vermelhas e douradas que se espalhavam pelo piso de pedras, ela observava as pessoas sentarem-se sob a nebulosa luz do sol francês vespertino, envoltas em casacos e cachecóis no clima frio, bebericando um *citron pressé*, ou um *café noir*, enquanto mordiscavam um *croissant* – única maneira de um parisiense respeitável tomar café, Monsieur Dupont havia lhe informado na primeira vez em que a viu acrescentando leite ao dela, chamando-a de camponesa. Ela descobriu que gostava bastante de café puro, assim como gostava de explorar as ruas de Paris nas suas tardes de folga.

“Acho que ele gosta de você”, disse Madame Joubert ao fim da primeira semana de Valerie. “Há anos que não o vejo assim feliz.”

Ela olhou atônita para a mulher. “Acho que a senhora está enganada, madame. Tenho certeza de que ele me odeia.”

Madame Joubert soltou uma risadinha gutural, jogando para trás a cabeleira de cachos ruivos enquanto juntava um lírio rosa intenso ao arranjo de flores que estava montando. A loja era pintada em tom vivo turquesa escuro e explodia de flores de

todos os tamanhos, formatos e texturas, em baldes de aço galvanizado. Valerie estava sentada em frente a Madame Joubert, em um banquinho de madeira, tomando um aperitivo que a mulher tinha insistido em lhe servir quando ela chegou com um princípio de dor de cabeça. A voz de Dupont ainda soava em seus ouvidos, e ela precisava de algum lugar onde pudesse ir para se afastar por dez minutos, ou atacaria o velho com seu próprio grampeador.

“Não seja ridícula. Ele voltou a parecer jovem, *chérie*. Seu passo está mais vivo. Seus olhos brilham.”

Valerie bufou. “Isso é alergia... e artrite reumatoide.”

Madame Joubert soltou uma gargalhada. “Isso também... Mesmo assim, é bom vê-lo tão feliz.”

Quando Valerie voltou para a loja naquela noite, com uma sacola cheia, vinda do mercado de peixe, esperava que o que Madame Joubert havia dito fosse verdade e que ele realmente estivesse feliz com sua presença. Colocou o peixe na geladeira, depois limpou a loja, uma das poucas tarefas que ele realmente lhe permitia fazer – uma batalha contra os anos de poeira acumulada –, e pensou na semana que tiveram até então. Realmente, eles haviam conversado bastante, mas nada além de livros, comida e Paris. Ela não tinha conseguido que ele falasse sobre a guerra, mesmo quando se referiu aos americanos. Ao perguntar a respeito, ele resmungava e mudava de assunto. Ela não o pressionou demais, ainda que ele tivesse prometido, em sua carta, que contaria como era cuidar de uma livraria durante a Ocupação. Talvez ele só precisasse de mais tempo.

Também foi com um resmungo que ele lhe disse que havia achado sua atuação aceitável e que não a mandaria para casa no próximo trem. “Agora me acostumei com você indo buscar os *croissants* de manhã.”